

ENTREVISTA



Carina Jiménez Reis

1. Para começar, queríamos saber um pouco mais sobre si. Quem é a Carina Jiménez Reis e como se descreveria em poucas palavras?

Para começar queria agradecer o convite e por se lembrarem de mim.

A Carina Jimenez Reis é uma miúda/mulher bastante normal, a chegar aos seus 35 anos e que se preocupa diariamente em ser feliz, tendo praticamente como mantra “deitar diariamente com a certeza de que hoje nada mais podia ter feito, para além do produzido”.

Para mim é difícil descrever-me, no entanto considero-me uma pessoa bastante proativa, resiliente e com uma enorme curiosidade por tudo o que me envolve e onde estou envolvida.

2. O que a levou a escolher o curso de Solicitadoria?
Sempre soube que desejava seguir esta área?

Na verdade, não foi uma escolha óbvia desde o início. Eu faço parte daquele grupo de pessoas que está a terminar o ensino secundário e não tem certezas sobre qual o passo seguinte a dar, mas em 2008 a mãe de uma grande amiga, que considero a minha mentora, que era e ainda é Solicitadora e Agente de Execução (sendo que exercia maioritariamente na área da execução) perguntou-me se eu não estaria interessada a dar uma ajuda no seu escritório para organizar umas coisas e eu prontamente respondi que sim, e foi aí que percebi em primeiro lugar o que era um Solicitador/Solicitadora de Execução (na altura era assim denominado) e em segundo que era capaz de fazer aquilo o resto da vida.

E foi assim que fui em busca do que seria necessário para ser Agente de Execução, e é então que me deparo com a Solicitadoria, longe de saber o que seria um “Solicitador generalista”, já que o meu foco na época era apenas a Execução.

Após o término da Licenciatura tive a sorte e o privilégio de poder trabalhar com uma Solicitadora, que não obstante de ser Solicitadora e Agente de Execução, a sua prática maioritária era a “Solicitadoria generalista” e foi ali que percebi que a Solicitadoria, era, na verdade, a forma profissional do meu EU, pois o contacto e a comunicação constante com pessoas, a justiça e o direito em riste, ajudar o outro, calçar os sapatos do outro, como se fossem os nossos próprios.

3. E porquê o ISCAC? Houve algum fator decisivo na escolha da instituição?

Em 2009, quando me candidatei ao Ensino Superior, Coimbra era para mim a cidade eleição para viver a minha vida académica. Aconteceu uma feliz coincidência: sucedeu que apenas o ISCAC oferecia a licenciatura em Solicitadoria. Para além desta feliz coincidência, a Licenciatura no ISCAC não era apenas em Solicitadoria, como acontecia no restante País, mas destacava-se por ter integrar no seu plano curricular uma forte vertente de Administração.

Confesso que inicialmente tive alguma apreensão ao perceber que iria deparar-me com Unidade Curriculares desafiantes tais como matemática, contabilidade, estatística e o tão temido cálculo financeiro. No entanto percebi, apenas após a entrada no mundo do trabalho, que foram estas UCs que me permitiram abrir e gerir o meu negócio, assim como me prepararam para entender melhores matérias empresariais, com as quais, hoje, tenho que lidar perante os meus clientes.

4. Que memórias guarda do tempo que passou connosco?

Tantas, sem dúvida

Poderia agora passar o resto do dia a enumerá-las, mas vamos tentarmos sintetizar.

É obvio que não poderei esquecer as relações interpessoais, com muitas das quais mantenho ainda hoje, convívios, saídas, histórias, nomeadamente a minha passagem de caleira a doutora.

Assim como jamais esquecerei alguns elementos do corpo discente e docente que em muito me desafiaram, ensinaram e, confesso, que às vezes até chatearam mas com os quais, na sua maioria, prezo manter contacto até hoje, e aos quais sem dúvida não poderia deixar de agradecer.

É então no meu 2º ano que o cargo de Presidente de Comissão de Praxe me me permitiu ver o ISCAC sob uma nova perspetiva. Durante este período, esforcei-me para que a praxe fosse um elemento integrador e de simbiose entre os novos alunos e o ISCAC, o qual também me permitiu estreitar relações com a presidência e Associação de Estudantes.

Seguiu-se então a possibilidade de integrar a AEISCAC, Conselho Pedagógicos, Assembleia de Representantes, e pude ainda participar na acreditação da minha própria licenciatura. Desafios estes que aceitei e que vejo, hoje em dia, fizeram toda a diferença, uma vez que me ensinaram desde cedo o quanto é importante ser um membro ativo no meio em que nos inserimos, que só assim conseguimos fazer a diferença e lutar pelo que acreditamos.

Com uma vida académica tão ativa, as memórias com o ISCAC são mais do que muitas, especialmente quando fazemos parte de órgãos que, à primeira vista, imaginamos ser compostos apenas por 'adultos', e saber que eu fazia parte deles.

5. Como foi a transição da vida académica para o mercado de trabalho? Enfrentou muitos desafios?

Eu achei essa transição bastante natural, com desafios, como seria de esperar, tendo em conta que eu nunca tinha trabalhado com um Solicitador generalista. No entanto, provavelmente devido à sorte de, cerca de uma semana após a conclusão da Licenciatura, ter encontrado alguém que estivesse disposto a acolher uma recém-Licenciada e claro, aí sim começam os desafios, porque por mais que a parte académica estivesse concluída nunca tinha trabalhado na área e, por isso, não tinha plena consciência qual o verdadeiro alcance da Solicitadoria na sociedade.

Felizmente, foram-se cruzando no meu caminho pessoas que, apesar das suas vidas corridas, sempre tiveram a paciência e a boa vontade de me mostrar na prática tudo aquilo que eu apenas conhecia teoricamente. E, claro de ir respondendo a todas as minhas perguntas e dúvidas, algumas bastante oportunas outras nem tanto. Mas nunca senti que não o podia fazer; muito pelo contrário, era incentivada a procurar, a querer saber, a “inventar” soluções que depois, como é obvio, eram discutidas e analisadas e explicadas o porquê de serem adequadas ou não.

6. Atualmente, é uma presença habitual em programas de televisão, onde aborda temas ligados à Solicitadoria. Como surgiu essa oportunidade?

A minha presença em programas de televisão começa com um projeto/parceria entre a Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução (OSAE) e a RTP, no qual, quinzenalmente, um colega é convidado a participar, em direto, no segmento “Consultório Aberto” integrado no programa “Nossa Tarde”, apresentado por Tânia Ribas de Oliveira.

Fui convidada para ser uma dessas pessoas. Acreditem, que pensei duas vezes em aceitar, pois tenho a plena responsabilidade de, em direto, representar toda a classe dos solicitadores e “sem corda” ter de compreender, analisar e responder a qualquer pergunta feita pelos telespectadores. Sempre que chega “o meu dia” levo comigo um certo nervosismo, natural, mas, acima de tudo, um profundo sentido de responsabilidade por apoiar o público em geral e representar, com dignidade, a nossa Ordem e a profissão.

Mais tarde, sou diretamente convidada pela CMTV para participar, em nome individual, no programa “Manhã CM”, apresentado por Ágata Rodrigues e Rui Oliveira, onde, neste caso, o objetivo é abordar especificamente de temas jurídicos que estão a ser discutidos na atualidade do nosso país.

E foi assim que comecei a aparecer na “caixinha mágica”.

7. Que importância atribui à divulgação pública do papel do Solicitador?

Acredito que a divulgação pública é fundamental.

Em primeiro lugar, porque creio que atualmente, existem dois tipos de pessoas: as que não fazem ideia de o que é um Solicitador, do que faz e qual o seu verdadeiro alcance do exercício da sua profissão; e aquelas que recorrem ao Solicitador para tudo, inclusive para questões do foro criminal, que é uma das áreas nas quais o solicitador não tem competência de atuação.

A verdade é que a área de atuação de um Solicitador é tão vasta que eu costumo recorrer ao slogan da Ordem “Em caso de dúvida fale com um Solicitador”, porque uma coisa é certa: Se o Solicitador não fizer com certeza arranjará quem faça!

Ainda no que concerne à divulgação pública do Solicitador, o que me preocupa é o modo como alguns dos colegas têm vindo a fazer. Até posso ser considerada um pouco conservadora, o que aceito, e na verdade até consinto, no que respeita à publicidade e divulgação pública que um Solicitador deve, ou não, realizar. Tenho receio de que o excesso de exposição publicitária possa desvalorizar a profissão e comprometer o caminho que tem sido feito ao longo dos tempos para elevar a nossa classe. Nesse sentido acredito que deva ser feito com cautela e ponderação.

8. Olhando para trás, considera que a Coimbra Business School ISCAC contribuiu para o sucesso da sua carreira? De que forma?

Não tenho dúvida alguma que a Coimbra Business School ISCAC foi uma peça fundamental no meu desenvolvimento.

Na sua génese pelo próprio plano curricular, que se distingue pela positiva, e agora, que recebo estagiários de todo o País, o posso confirmar.

Além disso, deu-me a oportunidade de integrar em diversos órgãos e grupos de trabalho, o que me obrigou a crescer e a analisar várias situações sob uma perspetiva diferente.

E claro, as pessoas. Para a Coimbra Business School ISCAC, sempre foi isto: pessoas. Portanto, posso concluir foi ela que me deu bases sólidas, mas também uma forma de pensar prática e orientada para a solução. Fui incentivada a ter uma abordagem crítica, mas também próxima da realidade e isso é algo que me acompanha todos os dias. Sinto que saí preparada, mas com vontade de continuar a aprender.

9. Que conselho daria a quem está agora a entrar no curso de Solicitadoria?

Em primeiro lugar, diria para relaxar e que aproveite tudo: a cidade, as aulas, os colegas, os professores, os próprios funcionários, que seja curioso, procure saber o que mais existe para além das aulas, seja a associação de estudantes, as praxes, o desporto, os eventos proporcionados para e pelos alunos, entre tantas outras coisas.

Em seguida, sabendo que vivemos num período onde a velocidade de informação é imensa, aconselho-os a pesquisarem e a procurarem entender as diversas oportunidades que o curso de Solicitadoria pode oferecer. A Solicitadoria é uma área extremamente rica e versátil, que exige grande dedicação, uma atualização constante e muita ética.

Pode ser igualmente importante explorar áreas que possam "não estar diretamente ligado à área jurídica", mas que são de extrema importância para o futuro como Solicitador, tais como: a vertente de gestão e administração que um escritório exige, a vertente humana pois estão a formar-se para ouvir e apoiar as pessoas a solucionar os seus problemas.

Ou seja, num curso que já é bastante completo, diria que a curiosidade e a tentativa de compreender o possível futuro que possam ter na área irá em muito melhor capacitar os alunos durante e após a licenciatura.

10. E, para finalizar, o que se segue para Carina Jimenez Reis?

Continuar a crescer, a aprender e a contribuir para a valorização da profissão.

Como já perceberam ter uma vida ativa nas diversas áreas que já falamos também me exige muito esforço pessoal e familiar para continuar a crescer o meu escritório, que será sempre o "ponto central" para que tudo o resto possa "girar".

Ter a preocupação de perceber o que nos rodeia, como por exemplo a Inteligência Artificial, e refletir sobre ela poderá impactar e sobretudo potenciar a Solicitadoria, bem como o meu dia-a-dia como Solicitadora.

Continuar a poder participar ativamente na OSAE, de forma a contribuir para a defesa da evolução da Solicitadoria e quais as necessidades que os colegas possam ter na exploração da nossa atividade profissional.

Por último, tenho algumas ideias em mente na área da formação e comunicação jurídica, que necessitam de maior maturação da minha parte, mas acredito poder reforçar a ligação entre o mundo jurídico e o público em geral.

Acredito que tornar o direito mais acessível é uma missão — e estou pronta para continuar a cumpri-la.